

O Tempo das Mulheres: imagens e trabalho cotidiano no contexto rural

Resumo: Neste ensaio, compartilhamos os registros de campo da pesquisa “Mulheres rurais e o uso do tempo: divisão sexual do trabalho e relações de gênero em Pernambuco”, fruto de uma iniciativa coletiva que traduz de forma imagética rotinas de vida e trabalho operantes na tessitura da realidade de mulheres rurais do Sertão do Pajeú — PE. Comumente traduzidas em quantidade de horas, a diversidade e a simultaneidade de trabalhos que elas realizam se sobrepõem aos minutos, extrapolando sentidos.

Palavras chave: mulheres rurais; trabalho; uso do tempo; divisão sexual do trabalho.

Women’s Time: images and everyday work in a rural context

Abstract: In this essay, we share the field records of the research “Rural women and the use of time: sexual division of labor and gender relations in Pernambuco”, the result of a collective initiative that translates routines of life and work into images operating into the fabric of reality of rural women’s lives in Sertão do Pajeú — PE. Commonly translated into the number of hours, the diversity and simultaneity of the work they do is superimposed on the minutes, extrapolating their social meanings.

Key words: rural women; work; time use; sexual division of labour.

1 - Docente na UFRPE/UA
llorenamoraes@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-8656-2412>
<http://lattes.cnpq.br/4747374195235267>

2 - Pesquisadora do Dadá: Grupo de Pesquisa
em Relações de Gênero, Sexualidade e Saú-
de (UFRPE/UA)
shanasieber@yahoo.com.br
<https://orcid.org/0000-0001-5286-4589>
<http://lattes.cnpq.br/5906211391262865>

3 - Docente na UFRPE/UA
nicole.pontes@ufrpe.br
<https://orcid.org/0000-0002-5631-6341>
<http://lattes.cnpq.br/0800574110391775>

4 - Pesquisadora do Dadá: Grupo de Pesquisa
em Relações de Gênero, Sexualidade e Saú-
de (UFRPE/UA)
funari.juliana@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-3035-2950>
<http://lattes.cnpq.br/7823921876389858>

5 - graduanda na UFRPE/UA — Foi Bolsista
de
Iniciação Científica durante a pesquisa.
nmarques2107@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-9372-8559>
<http://lattes.cnpq.br/0859050316369795>

6 - graduanda na UA/UFRPE — Foi Bolsista
de Iniciação Científica durante a pesquisa.
robertacfs@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-5789-6993>
<http://lattes.cnpq.br/9425924425155726>

7 - pesquisadora do Dadá — UA/UFRPE
kecya.freire@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-9584-725X>
<http://lattes.cnpq.br/4483956546483609>



O trabalho e a vida das mulheres rurais do Sertão do Pajeú, território pernambucano, nos impulsionou a realizar a pesquisa Mulheres rurais e o uso do tempo: divisão sexual do trabalho e relações de gênero em Pernambuco, que buscou mapear as atividades cotidianas de mulheres rurais e refletir como elas organizam suas tarefas no percurso temporal das 24 horas que marcam a cadência de seus dias, dentro e fora dos espaços de convivência familiar. Dentre os instrumentos de pesquisa, utilizamos os diários do uso do tempo que possibilitaram o mapeamento deste esforço coletivo de compreender e classificar os diversos trabalhos das mulheres a partir de novas experiências epistêmicas e metodológicas⁸.

As participantes da pesquisa são mulheres quilombolas e de comunidades de agricultores familiares de quatro municípios do Sertão do Pajeú — PE. Nós, professoras e pesquisadoras urbanas e estudantes de cidades sertanejas tivemos a Unidade Acadêmica de Serra Talhada como espaço que permitiu o nosso encontro. Cada trajetória de vida e de tempo foi capturada por nós, minuto/minuto, sob nossos olhares orientados pelo feminismo rural⁹. Os registros foram realizados com câmeras de diferentes modelos de celulares e com uma câmera Canon SX710 HS, e apresentados de acordo com a ordem cronológica que as atividades/trabalhos foram observadas ao longo da rotina laboral das mulheres.

Acompanhamos 32 mulheres rurais em suas atividades, etnografamos suas rotinas durante um dia e uma noite em suas casas. Além do registro temporal, observamos a sobreposição de tarefas (simultaneidade) e o ritmo de sua realização, algo raro em pesquisas do uso do tempo. De acordo com a PNAD (2013), as mulheres rurais trabalham 26,1 horas por semana em atividades domésticas. Neste sentido, questionamos: como contabilizar o tempo reconhecendo a complexidade em que as tarefas são realizadas no continuum entre o trabalho produtivo e reprodutivo?

8 - MELO, H. P.; MORAES, L. L. (Orgs.). A arte de tecer o tempo: perspectivas feministas. Campinas: Pontes Editores, 2020.

9 - A lente do feminismo rural que nos orienta é aquela construída pelo Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Nordeste — MMTR-NE, que entende o feminismo rural como movimento auto-organizado de mulheres rurais em sua pluralidade (agricultoras, quebradeiras de coco, extrativistas, assentadas, quilombolas, indígenas, pescadoras, etc.) e questiona todas as formas de opressão contra as mulheres. A luta das feministas rurais tem a agroecologia como projeto político que pauta as relações entre seres humanos e a natureza; considera a produção de alimento saudável como estratégia de sobrevivência e valorização da vida; defende a economia solidária como o caminho para a valorização do conhecimento e do trabalho das pessoas enquanto seres humanos; e defende que a responsabilidade da reprodução e manutenção da vida deve ser compartilhada, ao entender que a sobrecarga de trabalho doméstico e de cuidado vivida pelas mulheres também é uma forma de violência (SILVA, s.d).

As imagens revelam personagens, cores e espaços na elaboração de uma rede de sentidos que delineia a relação entre tempo, trabalho, gênero, raça e etnia, possibilitando enxergar em cada mulher, em cada instrumento e atividade realizada, um sentido que supera os aspectos quantitativos dessa experiência e extrapola as marcações tradicionais de tempo. Envolvidas em múltiplas tarefas, as mulheres rurais não convivem com a marcação definida de sua jornada de trabalho, admitindo um caráter de continuidade entre a casa, o quintal e a roça.

O tempo não é neutro. Ele é vivenciado de forma diferente a depender do gênero, cor, classe, idade, grau de dependência, etc. Ao coletarmos dados numéricos, não podemos desconsiderar que a objetividade não está isenta de sobrevalorizar ou estigmatizar uma ou outra atividade, hierarquizando as diferenças (BANDEIRA e PETRULAN, 2016). Ao construirmos a oportunidade de vivência, aprendizagem e partilha com as mulheres sertanejas pernambucanas, contribuímos para o avanço na visibilidade de outras práticas sociais fora do trabalho formal, de mercado e mesmo do tradicional domínio da sustentabilidade da vida humana (CARRASCO, 2003).

As imagens revelam o movimento das mulheres rurais em suas rotinas; traduzem jornadas de trabalho que ultrapassam o tempo do relógio; apontam as longas distâncias percorridas; explicitam as relações de solidariedade e sociabilidade familiar e comunitária. Mas também, denunciam a injusta divisão sexual do trabalho e sobrecarga física e mental das mulheres devido ao acúmulo diário de tarefas.

Afinal de contas, o que é trabalho? Qual trabalho importa? Qual trabalho tem valor nesse mundo capitalista? A economia feminista entende por trabalho toda atividade destinada à satisfação de necessidades (biológicas, afetivas, políticas, etc.) da produção e reprodução da vida humana, destacando o trabalho não remunerado das mulheres na garantia da sustentabilidade da vida (OROZCO, 2006).

As mulheres trabalham na roça, cuidam dos pequenos animais, coletam lenha, fazem a gestão e o manejo da água e de seus quintais produtivos; são

responsáveis pelas atividades domésticas e pelo trabalho de cuidado com as pessoas dependentes, e, também participam dos espaços políticos e comunitários. Tudo isso é trabalho que não pode ser confundido ou diluído na estreiteza do que se define como trabalho doméstico, tampouco nos limites do que as estatísticas nos apresentam, ao colocar as mulheres rurais no grupo de pessoas “não ocupadas”, uma vez que sua produção e seu trabalho não é monetarizado. Além disso, com tantas responsabilidades injustamente distribuídas, as mulheres rurais gozam de pouco tempo para o lazer e para o autocuidado.

Não podemos esquecer que o trabalho doméstico, o trabalho de cuidado, o trabalho para o autoconsumo, a venda de porta em porta ou na feira, o trabalho político comunitário, muitas vezes invisíveis, desvalorizados e não remunerados, são responsáveis por assegurar o crescimento, o desenvolvimento e a manutenção dos seres humanos como sujeitos sociais, sobretudo no mundo rural, e são protagonizados pelas mulheres!

Referências

- BANDEIRA, L. M.; PRETURLAN, R. B. As pesquisas sobre uso do tempo e a promoção da igualdade de gênero no Brasil. In: FONTOURA, N.;
- ARAÚJO, C. (Orgs). Uso do tempo e gênero. Rio de Janeiro: UERJ, 2016.
- CARRASCO, C. A. Sustentabilidade da Vida Humana: um assunto de mulheres? In: FARIA N.; NOBRE, M. A Produção do Viver. São Paulo: Sempreviva Organização Feminista, p. 11–49. 2003.
- OROZCO, A. P. Perspectivas feministas en torno a la economía: el caso de los cuidados. Editores: Madrid : Consejo Económico y Social, 2006.
- PESQUISA NACIONAL DE AMOSTRA POR DOMICÍLIO (PNAD). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — IBGE. Rio de Janeiro, v. 33, p.1–133, 2013.
- SILVA, Maria José da. (Zezé). Feminismo rural: uma nova forma de ser mulher no campo. Escola Feminista, 5º módulo s/d. Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Nordeste. Disponível em: <http://mmtrne.org.br/escola-feminista.php> Acesso em: 24/07/2020.

















